



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Entre teologias e preconceitos

Dra. Maria Elise Rivas¹

Resumo: neste artigo, em primeiro lugar, busca-se localizar a teologia da tradição oral, especificamente afro-brasileira, como independente de outras teologias, bem como se trata de objeto basilar para o desenvolvimento de análises e estudos no âmbito das religiões afro-brasileiras; em seguida, relaciona os conceitos de escolas e núcleos duros (RIVAS NETO, 2012; 2014) como estruturantes e métodos para definir campos de estudo na área, e, por fim, introduz diferentes abordagens teo-

1. Maria Elise Rivas é sacerdotisa da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), uma instituição religiosa afro-brasileira. Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), foi vice-diretora da FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), onde se graduou em teologia, primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira. Autora de diversos livros, tanto religiosos como científicos e de militância pelas religiões afro-brasileiras.

Dra. Maria Elise Rivas

lógicas, a saber: teologia dos núcleos duros, teologia das escolas das religiões afro-brasileiras, teologia de exu, ecoteologia, etnomedicina ou teologia da saúde, ética e teologia, teologia prática, teologia do transe, teologia do mito de fundação, teologia do corpo, teologia do som, teologia com enfoque em gênero e etnobotância.

Palavras-chave: teologia da tradição oral; religiões afro-brasileiras; escolas; núcleos duros; abordagens teológicas.

■ Começarei este texto contando uma situação pela qual passei recentemente quando fui fazer uma palestra sobre o *Dia Internacional da Mulher*. Pediram meu currículo reduzido para apresentar ao público presente e falei de minha formação de base em primeiro lugar. Sou teóloga, formada pela extinta FTU – Faculdade de Teologia Umbandista, com ênfase em religiões de tradição oral, mais especificamente teologia de tradição oral das religiões afro-brasileiras.

Ao dizer a instituição e formação vi uma expressão, diria, desconfiada e certa decepção não verbalizada, mas na sequência completei que era mestra e doutora em Ciências da Religião pela PUC-SP e, para meu assombro, as pessoas abrem um

sorriso de alívio. A nítida sensação é de que havia passado por “trapaceira”, afinal, a FTU e a tradição oral promovem uma eterna desconfiança, diferentemente do caso de uma pessoa muito bem formada pela PUC-SP. Eu me senti num processo de salvacionismo acadêmico.

Esta situação me impactou e trouxe memórias de minha vida de teóloga, da construção de minhas produções acadêmicas e religiosa, seja na forma de livros, capítulos de livros, artigos acadêmicos, entrevistas, atuação no grupo de trabalho do Conselho Nacional de Educação, entre 2011 e 2013, para a constituição da recente disciplina de teologia pelo MEC, e os vários projetos de militância a favor das religiões afro-brasileiras, contra o racismo, contra a misoginia e aporofobia² – que está muito envolvida com a religião que nasce dos marginalizados frutos da escravidão africana e indígena, principalmente, bem como dos indo-europeus de classes menos favorecidas, que escolhi viver. Estas questões sempre esbarram no eterno movimento de provar a legitimidade de minha formação como teóloga de tradição oral.

2. Termo cunhado por Adela Cortina (2017).

Dra. Maria Elise Rivas

Percebi que passei mais tempo tentando provar a legitimidade, a importância e o conhecimento/epistemologia das religiões afro-brasileiras de tradição oral do que falando, debatendo e produzindo teologia das religiões afro-brasileiras.

A justificativa da legitimidade consumiu minhas “falas”, minhas pesquisas. Fiquei muito brava comigo mesma ao me dar conta disto tardiamente. Muito brava, pois perdi tempo precioso tentando rebater e debelar esta desconfiança da tradição oral. Dei-me conta de que ela, a tradição oral, e eu agíamos como as filhas bastardas, as filhas indesejadas querendo provar nossa legitimidade sem pensar que o simples fato de existirmos era o suficiente. “Estava nascida” a Teologia de Tradição Oral, e ela e eu, a teóloga com ênfase na tradição oral, ambas, requeríamos nosso lugar.

Sabia que a tradição oral é muito antiga, nascida há muito, mesmo antes de requerer seu lugar em meio aos fidalgos(as) e aristocratas da teologia, porém, tardiamente me dei conta de que vivia um sistema de opressão que não me permitia ser teóloga com toda a força de minha formação e falar sobre ela, a tradição oral.

Sentíamos que as “vozes silenciosas” apontavam ser inoportuno querer sentar “à mesa” e dividir os pães. Exigiam que

ficássemos com as migalhas da teologia. Não! Não e não! A teologia de tradição oral deveria sentar-se à ponta da mesa, de tão antiga que é, pois é este o lugar que cabe aos mais velhos(as). Talvez esteja nesta antiguidade o verdadeiro incômodo de nunca quererem nos ouvir.

A disputa aparentemente sempre esbarrava no direito ao uso da palavra teologia. Ela³ tem “dono”, embora a história anteceda o “direito de propriedade”, e causa certa estranheza e, diria, desconfiança quando usada fora do mundo cristão, principalmente quando usada pelas religiões afro-brasileiras,

3. Quanto à origem da palavra teologia, era utilizada em período anterior ao surgimento do cristianismo. Ela era usada pelos gregos, na Grécia Clássica, período no qual os poetas gregos recebiam o título de teólogos. Eles, os poetas, eram aqueles que discursavam sobre os deuses, por meio de seus versos. Faziam teologia mítica. No período clássico da Grécia, o filósofo Sócrates (470 – 399 a.C.) fazia menção a três disciplinas, da filosofia teórica, como sendo teologia, que mais tarde foi denominada metafísica. Platão (427-347 a.C.), discípulo de Sócrates, passa a utilizar o termo teologia para expressar o discurso crítico-racional sobre os deuses da mitologia. Na era aristotélica, Aristóteles (384-322 a.C.) faz uso do termo para se referir ao estudo do Ser supremo. As primeiras comunidades cristãs não faziam uso do termo do modo sistematizado como conhecemos, sendo raro o uso da palavra teologia pela comunidade cristã. O uso recorrente do termo acontece, mais precisamente, na Escola de Alexandria (Clemente e Orígenes, ambos do século I e II d.C.), e neste período se caracteriza como conhecimento cristão de Deus (LIBANIO; MURAD, 1996; MCGRHAT, 2007; MARCONDES, 2008).

Dra. Maria Elise Rivas

mas todo terreiro, roça, ilê, choupana, entre outras denominações, tem uma teologia prática. Podíamos não utilizar tal nomenclatura ou ter a mesma como parte integrante de nosso vocabulário no cotidiano, mas ela está lá. As religiões afro-brasileiras têm e fazem muita teologia. Quanto ao direito de uso da palavra, não caio mais nesta... vou falar de teologia afro-brasileira e pronto.

Como diz Almeida (2020, p. 47), “é muito importante que a filosofia e a teologia continuem causando ‘surpresas” e a maior delas foi (res)surgir com a teologia de tradição oral. A nossa existência em um mundo consolidado pela tradição escrita é o maior dos desconfortos.

É importante deixar claro que o ponto de vista teológico ou filosófico da tradição oral também forma, educa, instrui, orienta, norteia, prepara, habilita, nutre e faz crescer. O que precisamos é pensar a teologia de tradição oral a partir de seu contexto e realidade e jamais tentar encaixá-la no modelo usado pela tradição escrita.

É necessário que estejamos a par das especificidades das religiões afro-brasileiras. Só assim é possível entender a teologia de tradição oral, das religiões afro-brasileiras, plenamente ou parcialmente. A tensão entre tradição oral e tradição escri-

ta é absolutamente dispensável, embora tenha podido viver em várias circunstâncias que a nossa presença no seio da “tradicional academia” parecia evocar um temor, um medo de um passado “primitivo” que estava superado pela supremacia evolucionista calcada em valores tecnológicos, a escrita, que deu substrato à tradição escrita. Ela, tradição escrita, no senso comum, e espero que não no senso crítico, parece ter vencido um passado incerto e duvidoso de um mundo calcado na oralidade. Passa uma ideia de libertação de um mundo recuado em um passado arcaico e selvagem.

Será que o medo está em remexermos neste passado, não tão passado assim, “primitivo”? O medo de as práticas e as superstições populares voltarem à cena? O medo de sair do mundo da teologia baseado única e exclusivamente na razão letrada tão distanciada dos seres humanos “comuns”? Medo dos sentimentos religiosos vigorosamente enraizados, que “não podem ser alcançados a não ser por meio de suas expressões culturais, não somente aquelas de uma cultura elitizada, mas também, sobretudo, de uma cultura dos campos, das praças, das tavernas, da cultura oral, anônima, na qual todos são os elaboradores, escritores, receptores e transmissores (FRANCO JR., 2010, p. 29)”?

Dra. Maria Elise Rivas

Teologia de tradição oral das religiões afro-brasileiras

Sei que muitos podem se perguntar se a teologia de tradição oral das religiões afro-brasileiras terá material para estudar. Posso responder que esta teologia tem muito a dizer sobre as religiões afro-brasileiras. Teologia é um olhar crítico da religião, da fé, do mito de criação, da origem, da rito-liturgia, da história, do comportamento religioso e tudo mais que possa envolver a religião com método científico. Se há crentes, aquelas(es) que acreditam, preconizam e praticam uma religião, é possível analisá-la da perspectiva teológica.

Já se perguntaram como é a fé nas religiões afro-brasileiras? Já se perguntaram como entendemos e explicamos a nossa genealogia, pois nos denominamos religiões afro-brasileiras, logo diversas e com várias origens? Já se perguntaram o que une ou é comum entre as diversas religiões afro-brasileiras para que sejam denominadas desta maneira? Já se perguntaram como entendemos o mundo visível (material), invisível (espiritual) e a relação entre ambos? Já se perguntaram como a criação do mundo é descrita nas diversas religiões afro-bra-

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Entre teologias e preconceitos

sileiras? Já se perguntaram como cultuamos nossos deuses e deusas, bem como nossos ancestrais? Já se perguntaram como transmitimos os valores religiosos e o conhecimento de nossa religião? Já se perguntaram o que é necessário para se tornar sacerdote ou sacerdotisa das religiões afro-brasileiras? Já se perguntaram sobre a iniciação? Já se perguntaram como ocorre o transe com o Orixá, Nkisi e Vodun ou a incorporação com os(as) ancestrais? Como a iniciação se processa e se é igual em todas as religiões afro-brasileiras e para todos os cargos de santo? Já se perguntaram como e o porquê de a natureza ter centralidade em nossos processos rituais? Já se perguntaram sobre jogos divinatórios e oraculares e sua centralidade nas religiões afro-brasileiras? Como este jogo faz para se comunicar entre o mundo (visível) e o mundo (invisível)? Já se perguntaram sobre as diversas metodologias dos jogos oraculares? Já se perguntaram sobre magia nas religiões afro-brasileiras? Já se perguntaram sobre cura nas religiões afro-brasileiras? Já se perguntaram como o som é vital nas religiões afro-brasileiras? Como a transmissão geracional é realizada? Já se perguntaram sobre a importância do corpo nas religiões afro-brasileiras? Já se perguntaram como religiões de tradição oral puderam sobreviver séculos e estar presentes no século XXI? Já se pergun-

Dra. Maria Elise Rivas

taram quem são e como se constituíram os ancestrais nas religiões afro-brasileiras? O corpo? Como entendê-lo nas religiões afro-brasileiras? Como a questão de gênero se faz presente nas diversas religiões afro-brasileiras?

Estas são perguntas que precisam e podem ser respondidas por meio de uma teologia afro-brasileira que não pode e não deve desconsiderar a diversidade e adaptabilidade das religiões afro-brasileiras no passar do tempo e a relevância das questões geográficas, que geraram as verdades, e não apenas verdade, religiosas. Por isto ela é absolutamente viável e importante. Tais perguntas podem ser respondidas de diversas formas, pois as religiões afro-brasileiras não são compostas por uma única cosmovisão e um único centro de poder, no entanto, mesmo que diversas em suas expressões, apresentam um norte comum. Ela está integrada por um linha estrutural sendo: tradição oral, iniciação, transe, senioridade, tempo mítico, memória, vivência religiosa individual e comunitária, divindades (Olodumare, Zambi, Tupã), potestades (Orixá, Nkisi e Vodun), ancestrais (caboclo, preto velho, criança, baiano, boiadeiro, marinheiro, mestres e culto dos eguns, entre outros), crença nos espíritos, a natureza como sagrada, o corpo como sagrado, dança ritual, a musicalidade vocal ou instrumental, vida em vários planos

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Entre teologias e preconceitos

de existência, a organização social e estrutural da família de santo, entre outros. As religiões afro-brasileiras têm identidade própria mesmo se manifestando de modo plurirreferencial, multirreferencial e plurissistemático (RIVAS NETO; RIVAS; CARNEIRO, 2014), especificidades que devem ser consideradas nos estudos teológicos no campo.

A teologia de tradição oral, das religiões afro-brasileiras, tem sua origem na diversidade e se mantém sem a necessidade da institucionalização de um poder central. Ela de modo explícito e sem reservas trata com naturalidade a diversidade de narrativas e interpretações existentes em seu seio, mas é necessário conhecê-las amiúde. Os estudos se fazem necessários para a compreensão da construção do pensamento teológico calcado na tradição oral das religiões afro-brasileiras, que têm o saber alicerçado na circularidade (*continuum* entre natural e sobrenatural) e no processo dialético.

A ponderação crítica das interpretações é dada em dois âmbitos, sendo o primeiro e vital a voz da sacerdotisa e do sacerdote tendo como norte sua formação religiosa, sua tradição e, em segundo plano, pelos pares, logo, por meio de um sistema coletivo, que se constitui em um censor dos limites, exercendo, assim, a função de organizador, ordenador e catali-

Dra. Maria Elise Rivas

sador dos pontos fundamentais de seus diversos núcleos e escolas. Mas isto não significa que a teologia não possa estudar o sistema de autocontrole, que explicita a distribuição do poder espiritual e cosmovisões distintas, sem um poder central, que ainda contrasta com as religiões ocidentais.

É parte da teologia afro-brasileira um debate permanente da criação do mundo sob a ótica por vezes africana, em outras tantas, indígena e, em outras mais, eurocentrada, mas o olhar e abordagem da criação do mundo existe e não é menos importante por ser policêntrico, plurissistemático e multirreferencial, logo, com várias perspectivas de interpretações, mas é necessário avançar nos estudos destes aspectos.

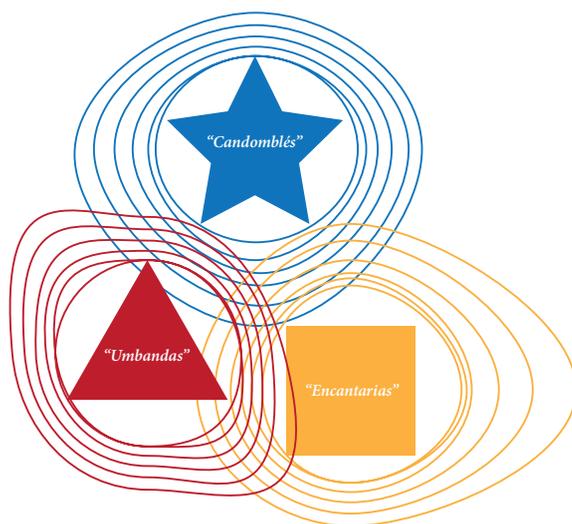
Neste breve artigo discutiremos algumas das possibilidades já debatidas na extinta FTU, faculdade com mote em teologia das religiões afro-brasileiras de tradição oral. Debates já expostos que retomaremos na *Revista estudos afro-brasileiros* como continuidade destes estudos já iniciados.

A **teologia do núcleo duro das religiões afro-brasileiras**, conceito cunhado por F. Rivas Neto (2014), faz referência aos elementos estruturantes (dogmas) que caracterizam as religiões afro-brasileiras concentrando seus alicerces que não se modificam (ou praticamente nada) com o passar do tempo,

Entre teologias e preconceitos

como o fato de a transmissão ocorrer de modo geracional tendo como base a oralidade, o (des)envolvimento por meio da vivência e experiência ritual, transmissão geracional (de pai ou mãe de santo para filho ou filha de santo), o transe e mediunidade, uso da magia, iniciação como método de formação, jogos oraculares, medicina tradicional, entre outros. Aqui se encontram o eixo, as marcas, como disse anteriormente, daquilo que permanece quase que inabalável dentro tradição oral das religiões afro-brasileiras com o passar do tempo.

Figura 1 – Diagrama das relações assimétricas nas zonas de contato dos núcleos das religiões afro-brasileiras



Fonte: retirada do livro *Teologia do ori-bará* (RIVAS NETO, 2015, p. 105).

Dra. Maria Elise Rivas

A **teologia das escolas das religiões afro-brasileiras** nos permite adentrar na origem e ancestralidade das religiões afro-brasileiras abordando a concepção ou, melhor, concepções da criação do mundo, da origem das divindades, dos ancestrais do ser espiritual, conseqüentemente das relações humanas. São as narrativas que possibilitam compreender as estruturas presentes nas diversas epistemologias, éticas e métodos dos três núcleos duros⁴ (candomblé, umbanda e encantaria) das religiões afro-brasileiras e suas respectivas escolas⁵ (candomblé nagô, jeje e angola, batuque, entre outros; na umbanda omolocô, traçada, cristã etc.; encantarias como candomblé de caboclo, jurema, quimbanda, entre outras).

Ressalte-se que essas narrativas dão sentido último às questões atemporais (eternas) e sentido à realidade temporal (materiais). As narrativas e cosmovisões das religiões afro-brasileiras colocam em debate o mito de origem como fato único pontuado por um local determinado e por uma única pessoa

4. Para mais informações sobre o conceito, ver Dicionário teológico das religiões afro-brasileiras ao final da revista.

5. Para mais informações sobre o conceito ver Dicionário teológico das religiões afro-brasileiras de verbetes ao final da revista.

VERTENTE-UNA DO SAGRADO



devido à multiplicidade de genealogias (raízes) das mesmas. O desafio que se apresenta é estudar e pesquisar como as religiões afro-brasileiras apresentaram uma forma descentralizada de origem e, conseqüentemente, de suas interpretações da compreensão do sagrado e do mundo a partir da diversidade supracitada.

As religiões afro-brasileiras têm como característica marcante a diversidade e pluralidade em suas manifestações, processo que ora decorreu de cismas, ora não decorreu de cismas e rupturas. Essa característica é fruto de sua origem descentralizada, que possibilitou desde o início a introdução de elementos regionais em sua cosmovisão e rito-liturgia, mas sem perder a sua unidade – tema analisado na teologia prática. A vertente

Dra. Maria Elise Rivas

-una do sagrado (RIVAS NETO, 2015, p. 110), por exemplo, tem uma estrutura adaptável a todos os núcleos e escolas das religiões afro-brasileiras sem descartar a diversidade adaptando-a em divindades, potestades, ancestrais e humanidade, marcando traços comuns às várias escolas em todos os tempos.

A **teologia de exu**. Exu é uma divindade, Orixá, e um ancestral, na qualidade de catiço, paradigmático dentro e fora das religiões afro-brasileiras. Existe em exu a interpretação primeira de comunicador entre o mundo visível (material) e invisível (imaterial), entre inconsciente e consciente, entre o indivíduo, a sociedade e a divindade em suas múltiplas relações, estando assim atrelado a um universo de probabilidades.

Dentro desta ótica de exu faz-se necessário entender como ele trabalha como divindade neste constructo de probabilidades e cria estratégias de equilíbrio entre os milhares de individualidades, os milhares de coletividades e o poder divino. Logo, há um estreito laço com o destino individual e coletivo. Esta presença nas nuances do destino individual e coletivo pode ser analisada da ótica da teologia afro-brasileira.

O axé como fator de criação está diretamente vinculado a exu. Sendo o axé princípio e poder de realização e uma força que se multiplica, mas também se esvai, precisa de um agente

“controlador”. Este agente é exu. Ele veicula e equilibra o axé para atingir o bem-estar individual e coletivo. Como exu faz isto nos diversos núcleos e escolas das religiões afro-brasileiras? A diversidade ao se cultuar exu é tema desta teologia.

Outro fator a ser estudado é sua presença como ancestral, catiço, nas diversas casas de santo. Neste momento observamos que esta força exu pode ser vista sob a ótica de exu e pombagira ou padilha, que atuam por meio de incorporações como forças vivas. Somado a isto é necessário pensar a relação entre exu e encruzilhadas, exu e oferendas, Exu e saúde biopsicossocial (RIVAS NETO, 2015; 2017).

A **ecoteologia** das religiões afro-brasileiras é outro tema de grande relevância em qualquer um dos núcleos e suas diversas escolas das religiões afro-brasileiras. Entendamos a natureza em suas várias instâncias. Cabe aqui o entendimento, segundo Rivas Neto (2017), do conceito da natureza e seus biomas, mas também do ser humano como um ser biopsicossocial, logo, em sua inteireza de espírito, mente-sentimento, sociedade e parte integrante da natureza em nível macro e microcosmo. Neste sentido também cabe uma reflexão das religiões afro-brasileiras aos moldes de Guattari (1977), tendo como premissa a articulação ético-política com vista às três

Dra. Maria Elise Rivas

ecologias: o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana.

Assim, falar da natureza é trazer um valor de interdependência a nível material, mas também imaterial, no micro e macrocosmo, que inclui o sobrenatural e a natureza sem excluir o espírito e com ele as subjetividades humanas.

A ecoteologia possibilita a leitura da integração entre estes universos, tendo as naturezas (*natura naturandis* e humana) comunicação em tempo integral e a união de ambas possibilita o processo de sacralização dentro das religiões afro-brasileiras, o sagrado se faz vivo por meio da natureza e só é realizável a partir da mesma. Este é um consenso neste mundo diverso.

O estudo da contextualização entre religiões afro-brasileiras e meio ambiente, bem como os conhecimentos ecológicos de uma perspectiva teológica, com a análise do meio ambiente e a interdependência entre espiritualidade, natureza e sociedade estrutura esta teologia, bem como a construção das territorialidades e sacralização destes territórios, roças, terreiros etc., na perspectiva das religiões afro-brasileiras a partir de suas matrizes africana, ameríndia e indo-europeia. São matérias de estudo, também, as distintas interpretações da sacralização da natureza em territórios sagrados afetos a diferentes núcleos e

escolas das religiões afro-brasileiras e sua utilização para preceitos, ebós e oferendas.

Teologia e ética das religiões afro-brasileiras visa estudar e refletir sobre a centralidade que o sagrado ocupa em nossa existência a partir do trinômio ser, consciência e linguagem. Esse trinômio pautou a discussão ética em toda a sua história acadêmica na filosofia e provoca uma reflexão de como os valores espirituais afro-brasileiros podem ou não influir em nossas decisões, seja no ângulo das liberdades individuais, seja na comunidade, nos diversos coletivos: como esta ética é constituída, influenciada e influencia as escolas, os núcleos e ação política. Nesse sentido, discutir o conceito de “geografia mítica” como produtor de “éticas” e não apenas um modelo de pensamento do fazer religioso⁶.

A **teologia da saúde ou etnomedicina** visa à compreensão da ideia de doença e cura na perspectiva das religiões afro-brasileiras em seus aspectos cosmológicos. A medicina tradicional, com suas terapias preditivas, preventivas e cura-

6. No prelo, artigo a ser apresentado nesta revista do Dr. João Luiz Carneiro sobre teologia e ética nas religiões afro-brasileiras.

Dra. Maria Elise Rivas

tivas (RIVAS NETO, 2017), visam ao equilíbrio do axé. É importante frisar que a saúde ou doença tem de ser analisada a partir da ótica biopsicossocial, logo do espírito (mente e sentimento inclusos), corpo (*ara*) e sociedade (a grande sociedade e a sociedade terreiro). Para tanto, busca uma interação entre o indivíduo (*cabeça/ori*), a sociedade (coletivo) e o Divino.

As diversas terapias aplicadas por sacerdotisas e sacerdotes guardam as questões descritas acima e se materializam em procedimentos rituais e terapêuticos individuais (privados) ou coletivos (públicos). A análise e compreensão da origem e dos procedimentos em si é objeto da teologia, levando-nos a entender melhor as terapias tradicionais de terreiro como jogos oraculares, iniciações, defumações, garrafadas, infusões, banhos de ervas, ebós, abôs, várias rezas, benzimentos, incorporação (ancestrais) e transe (*orixá*) que são realizados sobre o corpo ou por meio do corpo.

A **teologia prática** estuda e evoca a análise da rito-liturgia, seja pela descrição, interpretação ou levantamento das normas que a regem, possibilitando compreendermos a multiplicidade de rituais das religiões afro-brasileiras e sabermos distingui-los. É o estudo de um ponto de vista epistemológico das ritualísti-

cas das religiões afro-brasileiras em seus processos históricos de constituição até sua aplicação no espaço religioso.

A **teologia do transe** dada pelo processo de iniciação tem centralidade nas múltiplas experiências do ser humano com o divino ou sobrenatural. Desta forma, abrange o reconhecimento da experiência religiosa de modo individual da incorporação com os ancestrais e do transe com Orixá, Nkisi e Vodun, bem como a vivência coletiva a partir da ética no trato da experiência do transe ou da incorporação. Busca analisar o transe e incorporação como uma terapia transformadora tendo como pressuposto que o transe e a incorporação se processam e possibilitam a conexão entre os dois planos de existência (natural e sobrenatural) nos diversos núcleos e escolas das religiões afro-brasileiras. Trata-se de uma rede de significados corporais a partir da ausência de racionalização do êxtase por meio do transe e incorporação que transmite valores e renova saberes não verbais.

A **teologia do mito de fundação** das várias religiões afro-brasileiras e o desenvolvimento teológico específico constituído a partir de cada um deles nos permite compreender a construção e sedimentação do quadro das religiões afro-brasileiras, por meio de seu desenvolvimento histórico-social. Res-

Dra. Maria Elise Rivas

saltam-se as principais influências e contribuições históricas, culturais (bens simbólicos) das matrizes indo-europeia, indígena e africana, para melhor entendermos a origem e constituição da cosmovisão presente nos diversos núcleos e escolas das religiões afro-brasileiras. Permite reconhecer a origem do Orixá, Nkisi e Vodun, bem como dos ancestrais preto velho, criança, baiano, boiadeiro, marinheiro, exu e pombagira, mestres, mestras, entre outros. Levando, desta forma, a uma visão reflexiva do processo de ressignificação das figuras históricas em figuras míticas nos terreiros

■ **Teologia do corpo** trabalha com o corpo como lugar e ao mesmo tempo como “não lugar” ou entrelugar, mediador do indivíduo (família, comunidade de santo e sociedade como um todo) com o sagrado. Para tanto, ele é por princípio local da sacralização, seja por meio das incorporações, do transe, do axé colocado por incisões na iniciação ou receptor do axé nos diferentes tipos de rituais. O corpo, quando ativado pelos aspectos mágicos da dança, do som, das escarificações, dos ebós, do *bori*, do *amacy*, entre outros, transborda os limites do visível e se faz força viva na renovação de crenças, patrimônios, experiências, memória ancestral, narrativas míticas muitas vezes não verbalizadas. Podemos entendê-lo

como instrumento de comunicação do indivíduo consigo mesmo e com sua espiritualidade, com a espiritualidade presente em sua comunidade de santo – entendamos a comunidade como um corpo coletivo –, mas também como fonte e meio de conexão com o universo da ancestralidade avoenga e divina.

Muitas expressões, como “fazer a cabeça”, nos remetem ao corpo como local por excelência do sagrado, mas local que é fluídico e permeável pela realidade espiritual como quando se usam as expressões: “corpo fechado”, “corpo aberto”, “corpo cruzado”, “tem santo na cabeça”, entre outras. Estas expressões apontam para a centralidade do corpo nas religiões afro-brasileiras.

Outro aspecto está vinculado com a relação do sujeito com o seu próprio corpo e a ideia de duplo, ou seja, um corpo físico e um corpo espiritual, logo como um duplo que se liga a dois mundos de modo concomitante (material e imaterial), o que permite lidar com as questões de vida e morte e transitoriedade do corpo físico. Além destes fatores, é necessário destacar o corpo e a dança ritual como modo de conexão com o sobrenatural ou mesmo com o corpo da comunidade de santo, apontando aos paradigmas estéticos.

Dra. Maria Elise Rivas

A **teologia do som** busca contextualizar a importância dos sons e suas principais implicações – simbólicas e rituais – através de reflexões e experiências místicas nos diversos núcleos e escolas das religiões afro-brasileiras e suas variantes dentro da ritualística dos candomblés, umbandas e encantarias. Busca compreender e analisar o uso do som como instrumento de produção de transe e comunicador entre o mundo visível (material) e invisível (sobrenatural) por meio de instrumentos, mas também do som proveniente do *Kê* ou *ilá* de Orixá, Nkisi, Vodun ou dos ancestrais. O som nas falas com os ancestrais, no *ofô* (palavra) da sacerdotisa e do sacerdote, o som das rezas, das *agbaduras*, dos *korins*, das zuelas, dos pontos cantados, das louvarias, dos tambores, das palmas, dos gãs e agogôs, o som da natureza (das águas, do vento, da mata, dos animais, do atrito das folhas no sassanhe, entre outros). O som é a parte visível e interpretável de um mundo invisível e em movimento contínuo, mas também o silêncio, a ausência de sons necessita ser analisada. O silêncio do ronco, camarinha ou rondemi. O silêncio da palavra não dita. O silêncio dos dias de interdito. O silêncio da morte, entre tantos silêncios que ensurdecem. Esta teologia busca fazer um estudo sistemático da utilização dos sons historicamente nos terreiros e produção musical, tipos de

instrumentos utilizados dentro do contexto das religiões afro-brasileiras, para que possa relacioná-los, tomando ciência de que a análise dos diversos sons e “silêncios” se associa a outros campos de conhecimento, tais como antropologia, sociologia, semiótica e também a experiências culturais além das místicas na tentativa de interpretar fenômenos e práticas musicais.

Teologia com enfoque em gênero busca compreender as relações de gênero na hierarquia divina e sua influência na participação e contribuição das mulheres nas religiões afro-brasileiras. Análise e compreensão das questões de gênero no campo natural (mulheres, homens, homossexuais, transexuais na vida de terreiro) e sobrenatural (divindades femininas, masculinas e *meta-meta*) das religiões afro-brasileiras. Uma abordagem feminista dos cargos de “santo” nos terreiros.

Etnobotânica é uma área da Botânica que pesquisa o uso das plantas pelas diferentes etnias, culturas e populações tradicionais (por exemplo: indígenas, quilombolas e caiçaras), procurando entender como as plantas são apropriadas por esses vários grupos da humanidade em seus usos alimentícios, fitoterápicos, ritualísticos e religiosos, entre outros (RIVAS NETO et al., 2012). A teologia também pode ter um enfoque etnobotânico justamente para compreender as funções

Dra. Maria Elise Rivas

rito-litúrgicas, simbólicas e terapêuticas das inúmeras plantas utilizadas nas religiões afro-brasileiras em defumações, banhos, ornamentos, sacudimentos, preceitos, comidas, oferendas, etc., além da utilização como essências. Nas religiões afro-brasileiras, as plantas e suas partes (folhas, flores, raízes, tubérculos) têm uma pertença maior a um Orixá, ancestral ou encantado. Por exemplo, a planta conhecida cientificamente como *Dracaena fragans* (L.) Ker Gawl., nativa da África, é chamada *peregum* e ligada ao Orixá Ogum, sendo uma das plantas mais populares nos candomblés do Brasil, utilizado no *àgbo* e em sacudimentos, banhos e diversos ritos; também pode ser plantado ao redor da casa de Ogum, formando cercas vivas; plantado para receber as oferendas; empunhado pelos Orixás durante as danças, substituindo outros objetos ritualísticos tradicionalmente usados; e na imantação de objetos ritualísticos de ferro dedicados a Ogum, Ossaim, Oxóssi ou Omulu (BARROS; NAPOLEÃO, 2009).

Fecho este artigo deixando abertas estas questões, bem como a possibilidade de novas perspectivas de estudos da teologia afro-brasileira. A ciência, como a teologia o é, nos permite reler criticamente nosso objeto de pesquisa em seu tempo e em suas trajetórias, assim não nos imputa a verdade como

dada e sim como em construção. O que me remete a uma das máximas de F. Rivas Neto (2012, p. 160): “a constante da tradição é a continua mudança”, portanto, a teologia tem de acompanhar, com seus paradigmas científicos e com visão crítica, as possíveis mudanças epistemológicas, éticas e metodológicas nas religiões afro-brasileiras.

Referências

- ALMEIDA, João José R. L. de. A luz como metáfora na teologia e na filosofia. *Cienc. Cult.* vol. 67, n. 3, São Paulo July/Sept. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602015000300014>>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- BARROS, José Flávio Pessoa de, NAPOLEÃO, Eduardo. *Ewé Òrìsà: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de Candomblé Jêje-Nagô*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- FRANCO JR., Hilário. Meu, teu nosso: reflexões sobre o conceito de Cultura Intermediária. In: FRANCO JR., Hilário. *A Eva Barbada: ensaio de mitologia medieval*. São Paulo: Edusp, 2010. p. 27-40.
- LIBANIO, J.B.; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

REVISTA ESTUDOS
AFRO-BRASILEIROS

Dra. Maria Elise Rivas

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 12. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MCGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2000.

RIVAS NETO, F. *Candomblé – teologia da saúde na perspectiva das religiões afro-brasileiras: etnomedicina*. São Paulo: Aláfia, 2017.

RIVAS NETO, F. *Exu: o grande arcano*. 5. ed. São Paulo: Aláfia, 2017.

RIVAS NETO, F. *Teologia do ori-bará*. São Paulo: Arché, 2014.

RIVAS NETO, F. (Org.). *Exu e pombagira*. São Paulo: Arché, 2015.

RIVAS NETO, F. *Escolas das religiões afro-brasileiras: tradição oral e diversidade*. São Paulo: Arché Editora, 2012.

RIVAS NETO, F. *Umbanda: a proto-síntese cósmica*. Ed. rev. e atual. São Paulo: Pensamento, 2002, p. 389.

RIVAS NETO, F.; RIVAS Maria Elise G. B. M.; CARNEIRO, João Luiz. *Teologia da tradição oral*. São Paulo: Arché, 2014.

RIVAS NETO, F. et al. Ervas nas religiões afro-brasileiras. *Revista Triplo V de Artes, Religiões e Ciências*, v. 28, p. 1-18, 2012. Disponível em: <http://www.triplov.com/novaserie.revista/numero_28/yuri-rocha/index.html>. Acesso em: 9 abr. 2020.